

Aula 3

TEXTOS ACADÊMICOS: COMO LER E INTERPRETAR?

METAS

Orientar para a leitura – compreensão e interpretação – de textos científicos e acadêmicos, considerando os objetivos e as particularidades característicos dos gêneros que circulam na universidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Entender que a leitura de textos acadêmicos é guiada por um propósito.

Fazer uso das estratégias de leitura.

Definir os tipos de leitura a serem realizados nos diferentes momentos da leitura dos textos acadêmicos.

Estabelecer a diferença entre compreender e interpretar.

Compreender os textos lidos, a partir dos objetivos traçados para a leitura.

Interpretar textos acadêmicos e científicos seguindo as estratégias necessárias para tal finalidade.

PRÉ-REQUISITOS

Considerar o texto como um processo.

Flávia Ferreira da Silva Rocha

INTRODUÇÃO

Caro/a aluno/a,

Você está ingressando na universidade e deve ter se deparado com textos muito diferentes dos didáticos e literários recorrentes no ensino médio, aos quais você estava habituado/a a ler até então, não é? Talvez você esteja sentindo dificuldade na leitura e se perguntando se será possível realizá-la. Pois bem, já podemos afirmar, de antemão, que será possível sim, e que é isso que vamos fazer aqui. Esta aula tem como objetivo apresentar a você como as leituras de textos acadêmicos e científicos são realizadas, que passos são necessários para que ocorram e promovam aprendizagem. Assim, apresentaremos estratégias de leitura para compreensão e interpretação desses textos. Você vai aprender que, da mesma forma que esses textos se estruturam de modo diferente, eles também precisam de uma maneira específica, de um modo diferente de leitura. Claro que você fará uso das estratégias de leitura desenvolvidas ao longo de sua vida, mas, a partir de agora, conhecendo o caminho a ser trilhado para obter os melhores rendimentos.

Para melhor condução desse propósito, dividimos a aula em três momentos:

O primeiro apresenta as estratégias para que a leitura aconteça de modo objetivo. Nele, vamos ver que o propósito da leitura define como olhamos para o texto e como monitoramos nossa leitura para compreensão e interpretação).

O segundo apresenta a compreensão. Nele, vamos ver os passos para a leitura dos textos científicos e acadêmicos, aprender o que se deve buscar nesse tipo de texto, o que deve ser lido primeiro, como o texto todo precisa ser visto, o que deve ser observado.

O terceiro e último momento apresenta a interpretação. Nele, vamos aprender como os nossos conhecimentos são mobilizados para a interpretação.

Vamos à aula?!

O QUE É LER NA UNIVERSIDADE?

Várias são as razões por que lemos. Lemos por diversão, por estudo, pela busca específica de uma informação, para aprender, para descobrir os caminhos percorridos por autores que admiramos, para escrevermos o que escreveram. Lemos por prazer, mas também lemos por obrigação, por necessidade imposta pelo que fazemos e por várias outras razões. A partir

da leitura, ampliamos nosso conhecimento como também aprendemos formas de organização dos textos e dos eventos comunicativos de que participamos. Isso não se trata de imitação, mas de um trabalho que nos possibilita desenvolver parâmetros para a avaliação de nossos próprios textos, conforme Vieira e Faraco (2019). Na universidade, estamos em formação profissional, por isso, lemos para sistematizar a aprendizagem e para escrever, principalmente. Trata-se da leitura para aprender, para escrever. Por essa razão, a leitura é feita a partir de propósitos, de objetivos definidos, pois é a partir dela que ampliamos nosso conhecimento.

É muito importante que você considere que a leitura do texto acadêmico precisa ser aprendida e que “a aprendizagem no ensino superior implica a adaptação a novas formas de saber: novas maneiras de compreender, interpretar, e organizar o conhecimento” (LEA; STREET, 1998, p. 157). A clareza disso vai fazer toda diferença, pois possibilita a você construir sentido nos textos propostos para leitura. No espaço acadêmico, circulam diversos gêneros, mas a centralidade está no artigo científico, no resumo e na resenha. Nesta aula, vamos nos deter na leitura do artigo científico, considerando a abrangência que esse gênero nos possibilita; a partir dele, todas as demais produções científicas serão possíveis de compreensão. Nessa relação, há de se considerar também a área de publicação do artigo em função das especificidades decorrentes dos propósitos e a organização do conhecimento promovido por elas. No entanto, as diretrizes de leitura apresentadas nesta aula poderão ser adaptadas às diversas áreas do conhecimento científico. Agora que já temos a noção do que é ler na universidade, vamos às estratégias?

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Chamamos estratégias de leitura as “operações regulares para abordar o texto” (KLEIMAN, 2000, p. 49). Essas estratégias são cognitivas ou metacognitivas. As cognitivas acionam inconscientemente, durante a leitura, os conhecimentos que temos. Já as metacognitivas mobilizam os conhecimentos de modo consciente. Por esse caráter de consciência, as estratégias metacognitivas têm dois propósitos: 1) de autoavaliar a leitura e 2) determinar um objetivo para a leitura. Ainda conforme Kleiman (2000, p. 49), o uso dessas estratégias faz com que você, como leitor, tenha controle consciente sobre essas duas operações – autoavaliar e determinar objetivos – e, por conta disso, saberá dizer quando não está entendendo um texto e para que esse texto está sendo lido. Nas palavras de Leffa (1996, p. 46), a metacognição envolve:

- (a) a habilidade para monitorar a própria compreensão (“Estou entendendo muito bem o que o autor está dizendo”, “Esta parte está

mais difícil mas dá para pegar a idéia principal.”) e (b) a habilidade para tomar as medidas adequadas quando a compreensão falha (“Vou ter que reler este parágrafo”, “Essa aí parece ser uma palavra-chave no texto e vou ter que ver o significado no glossário”).

O resultado dessas mobilizações faz de você um leitor experiente, ou seja, aquele que tem propósito para a leitura e sabe o que lê. Dessa forma, você elabora perguntas antes, durante e depois da leitura, monitorando a compreensão. As perguntas feitas antes são perguntas de antecipação de conteúdo, de criação de hipóteses a respeito do que se vai ler a partir das pistas dadas pelo texto. A partir daí, por exemplo, você pergunta qual o título e de que ele trata, possibilitando identificar a temática do texto; quais os subtítulos e quais as relações estabelecem com a temática proposta; quais conceitos, argumentos são tratados em cada uma dessas partes. Crie hipóteses para responder às perguntas da mesma forma que criamos quando estamos assistindo a um filme. Entendeu?!

As perguntas feitas durante a leitura são para checagem das hipóteses. Elas vão garantir que a compreensão se dê. Caso as hipóteses não se confirmem, outras devem ser elaboradas. Isso não é ruim, ao contrário, mostra que você está no caminho certo para a compreensão.

As perguntas feitas depois da leitura vão possibilitar que você mensure a compreensão do texto. São questões do tipo: Compreendi os resultados apresentados pelo autor? Consigo sintetizar as ideias apresentadas no texto. Leffa (1996, p. 47) destaca as seguintes atividades de monitoramento da leitura:

- Definir o objetivo de uma determinada leitura.
- Identificar os segmentos mais e menos importantes de um texto.
- Distribuir a atenção de modo a se concentrar mais nos segmentos mais importantes. A importância de um segmento, como se vê, pode variar não só de um leitor para outro, mas até de uma leitura para outra.
- Avaliar a qualidade da compreensão que está sendo obtida da leitura.
- Determinar se os objetivos de uma determinada leitura estão sendo alcançados.
- Tomar as medidas corretivas quando falhas na compreensão são detectadas.
- Corrigir o rumo da leitura nos momentos de distração, divagações ou interrupções.

Você conseguiu perceber como esse monitoramento é importante para o processo de compreensão da leitura? Veja que ele vai assegurar qualidade na leitura, possibilitando que você compreenda e, conseqüentemente, aprenda.

Já vimos como as estratégias de leitura funcionam para monitoramento e compreensão. Agora, vamos ver que, para a leitura de um texto teórico, por exemplo, fazemos dois movimentos: buscar a ideia geral e buscar a ideia específica do texto. Vamos ver como funciona?

TIPOS DE LEITURA: *SKIMMING* E *SCANNING*

Dois tipos de leitura nos possibilitam ler a partir dos objetivos definidos: *skimming* e *scanning*.

A leitura de *skimming* é aquela que nos dá possibilidade de construir a ideia geral do texto, sem detalhamentos ou especificações. Nesse tipo de leitura, você terá condições de identificar a tendência geral do texto. Quando você está na *internet*, num site de busca, por exemplo, nem todos os textos sugeridos pela busca serão selecionados por você, não é verdade? Mas, para definir quais serão selecionados, você não precisará ler o texto todo para tomar essa decisão, não é assim que você age? Basta que você “dê uma olhada” geral para definir se lhe interessa, a partir do que discute, ou não. Para essa escolha, é da leitura de *skimming* que você lança mão. Ela lhe possibilita captar, de acordo com Marconi e Lakatos (2008), “a tendência geral, sem entrar em minúcias, valendo-se dos títulos, subtítulos, ilustrações (se houver). Leitura dos parágrafos, tentando encontrar a metodologia e a essência do trabalho”. Como se vê, essa leitura vai lhe dar condições para construir uma visão geral e para fazer uma leitura mais detalhada e específica, a de *scanning*.

A leitura de *scanning* é a leitura do significado, é feita de modo detalhado, a partir da qual se tem possibilidade de encontrar informações específicas. Nela, você faz a “procura de um certo tópico da obra, utilizando o índice ou a leitura de algumas linhas, parágrafos, visando encontrar frases ou palavras-chave”, conforme Marconi e Lakatos (2008). É a leitura que possibilita uma “varredura” no texto, abrindo caminho para analisá-lo detalhadamente.

Agora que já sabemos como olhar para o texto, se de modo geral ou de modo específico, e como monitorar a leitura para a compreensão, vamos ver de que modo é necessário ler um texto acadêmico?

COMO LER O TEXTO ACADÊMICO?

As leituras realizadas na universidade são feitas a partir de objetivos claros e bem definidos. Nesse espaço, os textos que circulam são também textos de estruturas bem definidas, como você poderá observar melhor a partir da aula 06. Essa leitura é feita por partes e é isso que será visto de agora em diante. Vamos a essas fases?

FASES DA LEITURA

Primeira fase – Exploração geral do texto

Essa primeira fase é a do contato com o texto para encontrar informações gerais que lhe possibilitarão criar condições de selecionar informações importantes e necessárias para a compreensão do texto como o todo. Perceba que antes de assistir a um filme, por exemplo, você lê a sinopse para ter ideia de que trata a história, para saber quem é o roteirista, o diretor, os atores e outras informações, dependendo do seu interesse. Então, assim como na sinopse de um filme, essa visão geral do texto lhe possibilita construir condições de entendimento do texto a ser lido. Nesse momento, todo conhecimento que você tem a respeito da temática será importante; melhor ainda, nesse momento, o esquema de fazer conhecimento que todos nós temos é acionado para que seja possível a construção de sentido. Por essa razão, é preciso “dar uma olhada” no texto: ver o título, os subtítulos, as partes que o compõe, como está organizado, a partir da forma composicional que o gênero apresenta. Isso vai permitir a você uma visão geral do todo e, por isso, condições para entendê-lo.

Nessa visão geral, você vai identificar: Qual o título? O que é possível se extrair dele? Quem é o autor do texto? Saber quem escreveu o texto é importante porque o fará, dentre outras questões, conhecer mais sobre sua área de estudo. Uma busca rápida na internet pode ser suficiente para obter informações sobre o autor. Identificar a data de publicação do texto também constitui um mecanismo importante de sentido, porque lhe dá condições de saber se as informações contidas ali estão atualizadas. Esse também é o momento para observar se há gráficos, tabelas, quadros, por exemplo, pois esses recursos trazem dados, resultados, informações importantes sobre os métodos e técnicas utilizados na pesquisa apresentada no artigo.

Para Medeiros (2007, p. 78), nessa etapa da leitura, o leitor busca “o assunto tratado”, obtendo condições de se situar.



ATIVIDADE

Caro/a aluno/a, para reforçar a aprendizagem do conteúdo apresentado até aqui, realize a atividade “Explorando a superfície do texto”, disponível no AVA/Moodle.

De posse da ideia geral do texto, o passo seguinte é identificar os objetivos propostos. Vamos a eles?!

Segunda fase – Identificação dos objetivos

Depois de ter obtido uma visão geral do texto, é o momento da identificação dos objetivos propostos e do ponto de vista sustentado pelo autor. Para identificá-los, você deve ir, no caso dos artigos científicos, ao resumo (que você estudará detalhadamente na aula 08) e às considerações finais, porque nesse espaço se faz uma retomada dos objetivos; no caso dos capítulos de livro, à introdução. São nessas seções que os objetivos são postos. O resumo funciona “como uma fonte de informação precisa e completa, [que ajuda] os pesquisadores a ter acesso rápido e eficiente ao crescente volume de publicações científicas” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 152). Para identificar essas informações, que geralmente aparecem no início dessas partes do texto, é preciso uma leitura mais cuidadosa, buscando pontualmente cada uma delas.

Identificados os objetivos e o ponto de vista defendido, é o momento da leitura geral do texto. Mas, antes de fazer isso, você observou que até agora o que se fez foi buscar a ideia geral do texto a partir do título, das partes que o compõem e, em seguida, a identificação do objetivo e do ponto de vista do autor? Se isso ficou claro, então estamos prontos para a leitura geral do texto. Vamos a ela!

Terceira fase – Leitura completa do texto

Ao término dessas duas fases, você já sabe qual o objetivo do texto e como ele se organiza. Agora é o momento da leitura geral do texto. O que você vai fazer é identificar quais conceitos e argumentos são trazidos pelo autor. Esse é o momento de identificação, pois estamos no processo de compreensão do texto. É importante que você perceba como os conceitos e os pontos de vista são trazidos e explorados pelo autor. Por meio de perguntas feitas ao título e subtítulo, você consegue chegar às ideias expostas, aos conceitos e aos argumentos apresentados. Leia cada parte do texto separadamente; isso vai imprimir qualidade à compreensão. Faça uso também das estratégias metacognitivas para monitorar sua compreensão.

É também muito importante, nessa passagem do texto, que você preste atenção em como as ideias são apresentadas pelo autor e como são estruturadas semanticamente no texto a partir dos conectivos, dos operadores argumentativos etc. (além de, no entanto, embora, por isso...); busque por marcas que mostrem a posição do autor. Também é importante perceber, nesse momento, por meio de **conectivos reformuladores** (ou seja, quer dizer, ou melhor, por exemplo...) como os autores reestruturam ideias e conceitos de modo a deixá-los mais acessíveis aos leitores. Para Zamponi (2005, p.190), os reformuladores seriam um mecanismo para evitar conflitos a partir da antecipação das dificuldades imaginadas no texto. Como você pode observar, são pistas das estruturas usadas pelo autor para facilitar a compreensão dos argumentos postos.

Ver glossário no final da Aula



ATIVIDADE

Caro/a aluno/a, para reforçar a aprendizagem do conteúdo apresentado até aqui, realize a atividade “Compreendendo um texto acadêmico”, disponível no AVA/Moodle.

Respostas a algumas dúvidas que você pode ter durante a leitura:

1) O que fazer quando não se entende as palavras que aparecem no texto?

No primeiro momento, é importante que você tente entender o sentido da palavra a partir do contexto, das pistas dadas pelos enunciados. Só em um segundo momento, se não for possível a identificação desses sentidos, você deve recorrer ao dicionário ou a outros instrumentos da área, no caso dos conceitos, para que esses significados fiquem claros.

2) Como ler as notas de rodapé?

Em linhas gerais, as notas de rodapé são 1) explicativas – oferecem maiores informações sobre os elementos a que se referem, os quais não puderam ser incluídos no corpo do texto – ou 2) de referência – indicam obras utilizadas ou sugeridas. O interessante é que a leitura da nota aconteça ao final da passagem do texto em que ela está inserida, impedindo a quebra do raciocínio a respeito da ideia apresentada. No entanto, se houver necessidade específica de recorrer a ela de imediato, com garantias de assegurar qualidade a sua leitura, então isso deve ser feito.

Compreendido o texto, é hora de interpretá-lo. É isso que vamos fazer no último momento de nossa aula. Vamos a ele?

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

Este é o momento de relacionar as ideias, de avaliá-las a partir do que é proposto pelo autor. Considere que o momento anterior, o da compreensão, é o de identificar as ideias apresentadas e o modo como são apresentadas. Agora, você vai avaliar o que leu, se gostou, se não gostou, se propõe mudanças. Entretanto, é importante considerar que não se trata de um texto de deleite, por isso os critérios de gostar ou não precisam ser definidos a partir dos propósitos do texto e da leitura, claro! Considere se a organização do texto é coerente com a proposta do autor, se a teoria foi discutida adequadamente, se você já leu sobre o assunto, se as concepções apresentadas são coerentes com o que você já conhece. Quais resultados

foram encontrados na pesquisa? Como foram encontrados? O método utilizado foi apropriado? Os dados foram interpretados adequadamente? Você é capaz de sintetizar o artigo lido?

Nem sempre essa fase é tranquila, principalmente para quem está iniciando, mas é muito importante e possível. É só uma questão de tempo, você vai ver!

Para que você tenha condições de relacionar as ideias do texto, de chegar a conclusões a partir de pistas dadas por ele e não, necessariamente, a partir do que está na superfície do texto, vamos estudar: conhecimento de mundo, inferência, pressuposto, pressuposição e intertextualidade, aspectos fundamentais para a interpretação. Pronto(a) para isso?

Conhecimento de mundo

Para que o que lemos faça sentido, acionamos todo o conhecimento que construímos ao longo de nossas vidas, mesmo, quase sempre, sem termos consciência disso, “ativamos uma rede de conhecimentos prévios para produzir uma compreensão global e coerente do texto que estamos lendo” (VIEIRA; FARACO, 2019, p. 43). Assim, todo e qualquer conhecimento se faz necessário nesse momento, toda a carga de experiência que se tem, desde as experiências mais simples, é importante. Essa construção é um processo natural, intuitivo, mas que pode ser potencializado de várias formas, como pela busca do conhecimento formal que é sistematizado e exige, por conta disso, posicionamentos diferentes do utilizado em uma conversa informal com os amigos em uma lanchonete, por exemplo. Então, quanto maior o conhecimento que se tem, maiores as possibilidades de se construir sentido, porque, para esse propósito, mobilizamos todo o nosso repertório, que é único e intransferível.

É importante que saibamos que não há conhecimento superior, há diferentes conhecimentos e alguns mais valorizados socialmente, mas isso é só uma convenção. Então, como você pode perceber, o conhecimento de mundo é uma condição para interpretação textual por conta das possibilidades de relação e de conexão com todo seu repertório.

No mundo acadêmico, também é muito importante que busquemos informações, porque isso pode reduzir as nossas incertezas e nos aproximar da “verdade”. No entanto, considere que informação não significa conhecimento, este é qualitativo e construído individualmente e internalizado por nós com base em seleções e conexões diversas, enquanto aquela é apenas quantitativa. No entanto, é verdade que quanto mais informação você tiver, maior é sua base para construir conhecimento.

Na Academia, toda produção é fruto de conhecimento, e, por essa razão, não é um fator de inspiração, mas de dedicação e investimento de tempo. Então, quanto mais leitura, maior a possibilidade de conhecimento, de pensar o mundo e de agir sobre ele.

A intertextualidade é mais um dos mecanismos para estabelecer relação. Vamos ver do que se trata?

Intertextualidade

Intertextualidade é “a relação que cada texto estabelece com outros textos a sua volta” (BAZERMAN, 2006, p. 89). Essa é outra condição para interpretação, pois estabelece relações de conhecimentos e isso é muito mais corriqueiro do que imaginamos. Marcuschi (2008, p. 129) afirma existir hoje “um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário”. Ou seja, os textos, mesmo aparentando serem isolados, retomam sempre outros, retomam sempre experiências anteriores.

Em linhas gerais, a intertextualidade pode ser explícita, quando apresenta diretamente o texto retomado, ou implícita, quando o leitor, a partir de sua experiência, de seu conhecimento de mundo, consegue identificar as retomadas de outros textos. Nos textos acadêmicos, em especial, a intertextualidade apresenta-se, principalmente, por meio de 1) citação direta, 2) citação indireta e 3) comentário ou avaliação acerca de uma declaração.

Como você pode perceber, são essas retomadas que nos possibilitam enxergar as relações entre os textos. Então, quando um autor faz uso de uma citação, de uma explicação apoiado em outros autores, ali está uma situação típica de intertextualidade. É essa relação estabelecida que interessa ao processo interpretativo, pois a intertextualidade vai possibilitar as conexões com outros textos, como também lhe permitir perceber a posição assumida pelos autores em relação ao que já foi escrito, dando a você uma visão ampliada sobre o que está lendo, uma vez que a intertextualidade “frequentemente procura criar uma compreensão compartilhada sobre o que foi dito anteriormente e a situação atual como se apresenta” (BAZERMAN, 2005, p. 25).

Outro recurso de muita importância para a interpretação é a inferência, pois é a partir dela que chegamos a conclusões do que está nas entrelinhas do texto. Vamos ver como ela se dá!

Inferências

Você já deve ter ouvido dizer que, para interpretar, é preciso ler nas entrelinhas do texto, não é mesmo? Pois bem, esse ler nas entrelinhas diz respeito à inferência. Mas o que é inferir? Podemos dizer, grosso modo, que se trata de construir um sentido novo a partir de sentidos já conhecidos, é relacionar as informações explícitas no texto com informações implícitas.

Mas isso não é feito de modo aleatório, é feito a partir de pistas linguísticas do texto, do contexto e de conhecimentos outros que você tem a respeito do assunto, da situação etc. Vamos analisar o exemplo a seguir para que essa concepção fique clara para você:



Aviso que circula em carro forte

Fonte: <https://imbraforte.com.br/produto/cofre-modelo-frota-125mm/>

Para que esse texto faça sentido, precisamos considerar alguns aspectos: o primeiro deles é que se trata de um aviso, mas que precisa estar situado num contexto específico de circulação, pois ele não pode, por exemplo, estar na porta de um restaurante, porque consta no texto a informação explícita de que se trata de um veículo – mesmo que um veículo funcione como restaurante, não é a função imediata que pensamos para um veículo. Depois de situar o aviso, temos a informação da existência de um “cofre boca de lobo”. Podemos pressupor que “boca de lobo” seja o modelo do cofre, uma vez que essa construção veio imediatamente ligada à cofre e por sabermos, a partir de nosso conhecimento de mundo, que não se trata especificamente da boca do animal. Em seguida, temos mais uma informação, a de que o cofre tem uma chave e que essa não está com o motorista, no caso, o do veículo onde o aviso se encontra. Considerando todos os elementos presentes no aviso, podemos inferir que, apesar da leitura ter sido possível, não se trata de um texto direcionado a qualquer um que conseguisse decodificá-lo, mas a leitores muito específicos, pois a quem interessaria saber de: um cofre em um veículo; da chave desse cofre que o permitisse abri-lo; de que essa mesma chave existe, mas que não está com o motorista que conduz o veículo? A partir das pistas do texto e de nosso conhecimento, podemos chegar à conclusão de que se trata de um aviso a possíveis interessados em assaltar um carro forte (que outro carro que conhecemos é equipado com um cofre?) e que, mesmo que o assalto viesse a acontecer, ainda assim seria inútil, porque não haveria como abrir o cofre, porque a chave não estaria com o motorista.

Podemos até inferir que, talvez, um aviso como esse tenha sido pensado em função do número elevado de assaltos a carros fortes, mas essa é uma outra questão que pode ser tratada a partir de outras informações e propósitos. Nesse momento, é importante que você perceba as relações

que nós estabelecemos para inferir, além de percebermos que as atividades inferenciais nos são corriqueiras, mas que podem também ser treinadas, e, para isso “[...] costumamos acrescentar ou eliminar; generalizar ou reordenar; substituir ou extrapolar informações. Isto porque avaliamos, generalizamos, comparamos, associamos, reconstruímos, particularizamos informações e assim por diante” (MARCUSCHI, 2008, p. 280). Então, para inferir sentidos, será preciso mobilizar conhecimentos. Para isso, a partir de dois conceitos fundamentais, os pressupostos e os subentendidos, vamos lançar mão das informações escritas no texto e das informações não explícitas no texto. Vamos a eles?

Pressupostos

Pressupostos são ideias apresentadas no texto de forma implícita, as quais são recuperadas pelo leitor por meio de marcas linguísticas. Isso significa dizer que algumas palavras ou expressões presentes no texto vão lhe possibilitar recuperar e produzir sentido. Uma característica muito importante do pressuposto é, exatamente, essa marcação explícita na materialidade do texto. Ou seja, o pressuposto depende de uma marcação linguística do texto para acontecer e é a partir dessa marcação que conseguimos chegar a conclusões. Vejamos como isso acontece, a partir do exemplo a seguir:

“O relógio da praça parou de funcionar.”

Nessa frase, a informação explícita é que o relógio da praça não funciona. A partir do sentido do verbo “parar”, temos a possibilidade de recuperar a informação implícita de que anteriormente o relógio funcionava, então, de modo lógico, se o relógio parou de funcionar, é porque, em um momento anterior, ele funcionava. Além disso, é possível fazer outras afirmações: há uma praça e nela há um relógio. Podemos observar, a partir daí, que todos os elementos são importantes para a construção do sentido, porque não são postos aleatoriamente, mas que, para chegar a determinadas conclusões, precisamos identificar quais elementos nos permitem fazer afirmações sobre o que não está explicitamente escrito no texto. É importante também dizer que os pressupostos devem ser considerados verdadeiros pelos interlocutores, porque, se isso não ocorrer, não há como levar qualquer debate adiante, porque o texto fica “sem sentido”.

Alguns termos funcionam como indicadores de pressupostos. Assim, Ilari e Geraldi (1988, p. 62) afirmam que:

É interessante ter em mente que as “expressões introdutórias de pressuposição” constituem um leque bastante variado, em que se incluem não só advérbios (até, só, etc.), mas conjunções (as

conjunções concessivas e temporais na maioria de seus empregos) e um bom número de verbos que regem subordinadas substantivas (esquecer que, adivinhar que, saber que, conseguir que, etc.), mas ainda verdadeiras construções gramaticais: uma dessas construções é a chamada “construção de realce”: é que.

Como você pode observar, existem marcas no texto para a pressuposição e identificá-las é sempre um exercício a ser feito. A partir de Platão e Fiorin (1988), listamos, a seguir, os termos que em geral servem de marcadores de pressupostos:

- 1) Adjetivos (ou palavras similares).
- 2) Verbos que indicam mudança ou permanência de estado (permanecer, continuar, tornar-se, vir a ser, ficar, passar [a], deixar [de], começar [a], principiar [a], converter-se, transformar-se, ganhar, perder).
- 3) verbos que indicam um ponto de vista sobre o fato expresso pelo seu complemento (pretender, supor, alegar, presumir, imaginar).
- 4) Certos advérbios.
- 5) Orações adjetivas (observem se especificam a ideia, no caso das restritivas, ou se generalizam, no caso das explicativas).
- 5) Certas conjunções (mas, no entanto, embora).

Agora que já sabemos como os pressupostos funcionam, vamos estudar os subentendidos?

Subentendidos

Ao contrário dos pressupostos, que aparecem marcados no texto, os subentendidos são insinuações feitas pelo texto e consideradas a partir do que nós conhecemos da realidade. Podemos dizer que o subentendido é uma ideia implícita recuperada a partir de dedução feita pelo leitor de modo subjetivo. Subjetivo porque não existe pista linguística para isso. A interpretação se dá a partir de seu conhecimento de mundo, de sua experiência. Vamos analisar o seguinte caso: imagine se você recebesse em casa uma visita e ela fizesse a seguinte afirmação:

“Que sede!”

Nesse caso, em “Que sede!”, não existe marcação explícita alguma de pedido de um líquido para matar a sede, por exemplo. Mas, considerando que, de modo geral, quando estamos com sede, tomamos água, você pode entender que a visita está insinuando que quer água, não é mesmo? Você poderia interpretar que a visita poderia estar querendo suco e não água, por exemplo. Você poderia ainda interpretar que a expressão “Que sede!”

tenha sido um registro de protesto por, talvez, até aquele momento, nada ter sido servido a ela, não pode?

Mas, nesse caso, não vamos trabalhar com essas duas hipóteses, porque precisamos considerar as situações culturais e contextuais que temos: 1) culturalmente, no Brasil, quando estamos com sede, o líquido que costumamos ingerir é água. É possível que algumas pessoas tomem outra bebida, mas estamos falando da ideia que cria base para a situação, então água é o esperado; 2) por uma questão de convenção social, não evidenciamos a indelicadeza do anfitrião, então não poderia ser um protesto, não é isso? Essas duas possibilidades não são descartadas, mas, para que possam ser pensadas como subentendido para essa situação, é preciso que tenhamos pistas do seu contexto. Observe que só temos a informação do que a visita disse, mesmo que, nesse momento, você a tenha recebido e você saiba de quem se trata, por exemplo.

A questão que se apresenta, a partir dessas possibilidades de interpretação, é a de que o subentendido é sempre uma informação de responsabilidade do leitor (no caso do exemplo analisado aqui, do ouvinte). A visita pode se proteger na estrutura linguística e dizer apenas que estava constatando um fato: que estava com sede. Por essa razão, ao fazer uso de pressuposição, é imprescindível que você busque sempre os propósitos do texto, as observações, as conclusões com base em argumentos sólidos para fazer afirmações.

Para fechar essa segunda parte de nossa aula, precisamos considerar que a interpretação se constrói a partir da relação de nossas experiências com o que o texto apresenta. Para Bazerman (2006, p. 45), “os leitores ativamente constroem significados na interseção das palavras de um texto com suas experiências, conhecimentos e metas anteriores, organizados no esquema do leitor. É através de nosso esquema que fazemos sentido do que lemos”. É importante que você pense nisso a partir de agora e ponha em prática o que vimos até então!!

CONCLUSÃO

A leitura de texto acadêmico é uma atividade complexa que precisa ser aprendida juntamente com a compreensão do fazer científico. Só a partir dessa clareza você poderá lançar um olhar com propósito para as atividades corriqueiras a serem desenvolvidas nesse universo, desde o início do curso. É importante explicitar que se trata de um percurso desafiador, mas perfeitamente possível. E assegurar a qualidade na leitura é um passo definidor em sua trajetória acadêmica. Então, é importante considerar que se trata de um processo; é importante ter clareza de que será necessário e possível voltar todas as vezes que a dificuldade se apresentar. É importante também estabelecer uma rotina de dedicação e trabalho, pois,

na universidade, é o trabalho que permeia as ações, e não a inspiração, então ler – compreender e interpretar – é uma ação fundamental para construir conhecimento necessário às práticas a serem desenvolvidas.



RESUMO

Esta aula teve como objetivo desenvolver habilidades para a leitura de textos acadêmicos. Por essa razão, situamos a leitura acadêmica como aquela definida por propósitos. Em função disso, estudamos as estratégias – cognitivas e metacognitivas – para entender como se dá o monitoramento da leitura a partir de perguntas realizadas antes, durante e depois do processo, além de termos evidenciado os tipos de leitura – skimming e scanning – para possibilitar entender como deve ser o contato com o texto: se para a busca da ideia geral ou para a identificação de informações específicas. Feito isso, passamos ao processo de compreensão, no qual vimos que o texto acadêmico não é lido de uma só vez, nem da mesma forma, mas a partir de fases: 1) exploração geral do texto; 2) identificação do objetivo e 3) leitura completa do texto. Por fim, vimos que, depois da compreensão, temos condições de interpretar o texto lido. Esse processo de interpretação se dá a partir de relações feitas entre o que o texto apresenta e o que conhecemos sobre a temática. Para possibilitar essas relações, vimos como todo o conhecimento que armazenamos durante toda a nossa vida é importante para esse momento; como as relações se estabelecem entre os textos, através da intertextualidade, e como são feitas as inferências a partir de pressupostos – definidos por marcas explícitas no texto – e por pressuposições, realizadas por deduções, também possíveis a partir de pistas contextuais evidenciadas no texto.



ATIVIDADE FINAL

Caro/a aluno/a, realize a atividade final desta aula, intitulada “Relacionando ideias do texto”, disponível no AVA/Moodle.



AUTOAVALIAÇÃO

Ao término desta aula, consegui entender que a leitura de textos acadêmicos é guiada por propósitos definidos? Consigo fazer uso das estratégias para monitorar as minhas leituras por meio de perguntas ao texto antes, durante e depois da leitura? Consigo definir como deve ser o contato com o texto acadêmico e, em seguida, como deve ser efetivada a leitura desse texto? Consigo compreender textos acadêmicos, identificando as ideias expostas e como são apresentadas? Consigo estabelecer relações nos textos acadêmicos lidos em um processo de interpretação?

Se, em algum momento de sua autoavaliação, você não conseguir responder a alguma das questões propostas, volte à aula e releia o conteúdo específico relacionado a sua dúvida. Não hesite em saná-la!



PRÓXIMA AULA

A próxima aula também abordará a leitura, para além da escrita, dos gêneros acadêmicos, mas com a finalidade de apresentar as suas bases discursivas e argumentativas

REFERÊNCIAS

- BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais**, tipificação e interação. Organização de Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Organização de Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.
- FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco. **Lições de texto: leitura e redação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. **Semântica**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2000.
- LEA, Mary R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in higher education**, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, **análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

ZAMPONI, Graziela. Estratégias de construção de referência no gênero de popularização da ciência. *In*: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges; BENTES, Anna Christina. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na universidade**: fundamentos. São Paulo: Parábola, 2019.

GLOSSÁRIO

Conectivos reformuladores – são conectivos que apresentam um elemento que introduz uma nova formulação de um segmento anterior, com a finalidade de tornar a compreensão do discurso mais clara. Pode-se diferenciar quatro tipos de reformuladores: de correção, de explicação, de exemplificação e de recapitulação.